

POR UMA EDUCAÇÃO NÃO VIOLENTA: A EXTENSÃO EM PROL DE NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE A INFÂNCIA

Maria Eduarda da Silva Piton (Universidade Estadual de Maringá)

Anna Clara Loubach Cordeiro (Universidade Estadual de Maringá)

Gabriela Silva Mesquita (Universidade Estadual de Maringá)

Julia Ubaldo Vargas (Universidade Estadual de Maringá)

Rebeca Gonçalves Maciel (Universidade Estadual de Maringá)

Vitor Geraldo Lago (Universidade Estadual de Maringá)

Profª Drª Aline Frollini Lunardelli (Universidade Estadual de Maringá)

pittonduda25@gmail.com

Resumo:

Este trabalho apresenta o Projeto de Extensão “Por Uma Educação Não Violenta: desmedicalizando os processos educativos”, vinculado ao Departamento de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, que atua em uma escola pública com turmas do ensino fundamental I, envolvendo crianças, professoras, equipe pedagógica, famílias e estudantes de Psicologia e Pedagogia. Seu objetivo é enfrentar práticas escolares atravessadas por discursos medicalizantes e patologizantes, que individualizam e desconsideram aspectos sociais, históricos e culturais. Fundamentado em autoras como Patto, Machado e Moysés e Collares, o projeto promove práticas críticas e não violentas por meio de observações em sala, diálogos com professoras, rodas de conversa, reuniões de planejamento e estudos com extensionistas. Os resultados mostram ambientes escolares mais acolhedores, fortalecimento de vínculos e valorização das potencialidades de crianças e famílias. Além disso, transformações na formação dos futuros profissionais, permitindo que extensionistas reformulem concepções sobre infância, desenvolvimento e aprendizagem. Assim, reafirma a educação não violenta como processo contínuo, coletivo e transformador.

Palavras-chave: Educação não violenta; Infância; Formação profissional; Medicalização; Extensão universitária.

1. Introdução

Os efeitos sociais e educacionais da medicalização e patologização da vida presentes em nossa atualidade constituem-se como meios de normatização da infância e da juventude, como lê-se em Patto (2022, p. 637): “[...] o sofrimento

decorrente do fato de ter sido diagnosticado como incapaz e medicado na infância”.

Como resposta efetiva à violência por trás da medicalização compulsiva e dos altos índices de diagnósticos infantis, o projeto de extensão “*Por uma educação não violenta: desmedicalizando os processos educativos*” foi criado em 2022, vinculado ao Departamento de Psicologia da UEM. Visa firmar um compromisso ético, político e social em favor dos direitos da criança e do adolescente, na busca por uma educação acolhedora (EDUA).

Com a participação de 26 integrantes, entre eles estudantes dos cursos de Psicologia e de Pedagogia, uma docente psicóloga e uma assistente social, o projeto atua por meio de reuniões semanais, rodas de conversa com crianças e famílias, intervenções em sala de aula, oficinas, participações em eventos e divulgação de conteúdos no Instagram do projeto.

2. Metodologia

As atividades do projeto são organizadas em diferentes subgrupos, como a atuação no perfil do Instagram (@edua.uem), em que são disponibilizados conteúdos semanais voltados à promoção e defesa dos direitos das crianças. Há a participação na Rádio UEM FM, por meio do Clubinho do Livro, em que são indicados livros infantis com temas relacionados à educação sem violência. Também é mantido o vínculo com a comunidade externa em eventos culturais e científicos.

Além disso, o projeto realiza intervenções em uma escola pública de Maringá, envolvendo crianças em salas de aula semanalmente, famílias em rodas de conversa mensais, professoras em sala de aula e em horário de planejamento e equipe pedagógica em reuniões.

3. Resultados e Discussão

Este texto se refere ao período entre o 2º semestre de 2024 e o 1º semestre de 2025. Dentre as diferentes vertentes que constituem este projeto e as diversas ações que nele são desenvolvidas, o foco do presente trabalho se dá no aspecto da contribuição do EDUA para a formação acadêmica, profissional e pessoal dos estudantes de Psicologia e Pedagogia que o integram. Um primeiro impacto diz respeito à mudança de visão dos integrantes no que tange às concepções de

desenvolvimento infantil, processos escolares e diagnóstico de transtornos que afetam os processos de escolarização. A compreensão de tais fenômenos, anterior à participação no projeto, se aproximava do senso comum, que, de modo geral, classifica a infância a partir de um progresso linear, em que cada etapa tem, invariavelmente, suas características de desenvolvimento, as quais, se ausentes, atribuem à criança rótulos e problemas de aprendizagem. Em relação aos processos escolares, o olhar voltava-se, principalmente, para as competências e capacidades dos próprios alunos e professores, desconsiderando as dimensões institucionais e sociais que permeiam o cotidiano escolar como um todo. Os laudos e diagnósticos, por sua vez, eram considerados soluções de um determinado problema, concedendo à criança algumas limitações.

Por outro lado, a participação efetiva como integrante do projeto proporcionou uma transformação de consciência e uma construção coletiva de novas percepções em relação à infância, à escola e ao diagnóstico. Com base em uma teoria crítica de educação e de psicologia que se alinha à prática, o projeto apresenta aos estudantes uma concepção de desenvolvimento infantil que rompe com os padrões de comportamentos vistos como “normais”, considerando que a naturalização de tais padrões, ao pressupor que todos devem agir segundo determinados moldes, funda elementos de não questionamento e submissão (Moysés; Collares, 2020). Baseando-nos em autoras como Patto (2022), a ideia de processo de escolarização se distancia de explicações individualizantes, as quais culpabilizam o aluno pelo fracasso escolar, não só em sua dimensão intelectual, mas também familiar e econômica. O mesmo se dá para a compreensão do diagnóstico, que, no âmbito escolar, muitas vezes serve como um aspecto paralisante, que rotula a criança, atribuindo-lhe incapacidades. Nessa perspectiva, os principais ensinamentos levados do projeto incluem a noção de que toda criança é capaz de aprender e que as características próprias da infância devem ser respeitadas, designando o brincar como o caminho primordial para um pleno desenvolvimento.

A extensão promove experiência para a área da psicologia educacional e escolar, ao propor estudar, desenvolver atividades e intervenções. O projeto é responsável por uma diversidade de atividades, que auxiliam os discentes a aprenderem a trabalhar em diversos contextos e com diversas pessoas. Os

extensionistas também trabalham ativamente e aprendem a produzir materiais para divulgação científica e artística à comunidade externa pelo Instagram @edua.uem, por gravações de recomendações de livros infanto-juvenis no programa próprio do EDUA, *Clube do Livrinho*, com apoio e divulgação da Rádio UEM FM. Além da oportunidade de confeccionarem e apresentarem nove trabalhos em eventos culturais e científicos.

4. Considerações Finais

A partir das intervenções com crianças e suas famílias e equipe pedagógica, lutamos contra a violência na infância, entendendo que essa se dá de diferentes maneiras e, até mesmo, de forma velada. Além de que estudamos para desenvolver uma formação crítica e para que atuemos de forma acolhedora em nossa visão sobre a infância e tudo o que ela representa. Ademais, entendemos como fundamental o contato com a comunidade externa para construirmos coletivamente modos de educar sem violência. O EDUA contribui para a formação de seus integrantes como profissionais que são capazes de analisar criticamente diversos processos de violência relacionados aos ambientes escolares.

Referências

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. Novos modos de vigiar, novos modos de punir: A patologização da vida. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 57, p. 31-44, jan./dez. 2020.